



COMPANHIA DAS LETRAS

Úrsula

MARIA FIRMINA DOS REIS nasceu em São Luís em 11 de outubro de 1825 e morreu na cidade de Guimarães, Maranhão, em 11 de novembro de 1917. Filha ilegítima de pai negro, negra ela própria, e proveniente de família de posses modestas, a autora carregava todos os marcadores da desclassificação social. Firmina foi registrada como filha de João Pedro Esteves e Leonor Felipa dos Reis. Quando estava com cinco anos de idade, sua mãe se mudou para Guimarães, indo viver com Firmina e a irmã desta na casa ali mantida por uma tia de melhores posses. Mais tarde, a tia também se mudou para a vila, juntamente com a avó das meninas. Em suas recordações, Maria Firmina relembra a infância passada no isolamento da casa, tendo como amigas apenas a irmã e uma prima, situação que lhe teria provocado, quando ainda era criança, um agudo senso de mal-estar. Como profissão, dedicou-se ao magistério e foi professora de primeiras letras na cidade de Guimarães entre 1847 e 1881. Em 1880, fundou uma sala mista, que escandalizou os círculos locais. Tendo escrito o romance *Úrsula* em 1859, é uma das primeiras romancistas brasileiras. A autora também escreveu o romance indianista *Gupeva* (1861 e reedições), um conto abolicionista chamado “A escrava” (1887) e uma série de poemas que foram publicados em jornais do Maranhão. Maria Firmina participou da antologia poética *Parnaso maranhense* (1861) e, dez anos depois, reuniu seus poemas em *Cantos à beira-mar*.

MARIA HELENA PEREIRA TOLEDO MACHADO é professora titular do Departamento de História da Universidade de São Paulo e pesquisadora do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo e do CNPQ. É autora de livros e artigos sobre os temas escravidão, abolição e pós-emancipação em perspectiva transnacional. Também se interessa pela circulação de ideias raciais nas Américas na era das abolições — contidas em

livros de viagem, diários e cartas. Vem também se dedicando ao estudo do gênero na escravidão e na abolição. Entre outras publicações, com Diana Paton, Emily West e Camillia Cowling publicou os dossiês “Mothering slaves: comparative perspectives on motherhood, childlessness, and the care of children in Atlantic slave societies”, nos periódicos *Slavery and Abolition* (2017) e *Women’s History Review* (2018).

FLÁVIO DOS SANTOS GOMES tem licenciatura em história pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bacharelado em ciências sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mestrado em história social do trabalho e doutorado em história social, ambos pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente é professor da UFRJ e pesquisador do CNPQ, desenvolvendo pesquisas em história comparada, cultura material, escravidão e pós-emancipação no Brasil, América Latina e Caribe. Tem publicados dezenas de livros, coletâneas e artigos em periódicos nacionais e estrangeiros, atuando na área de Brasil colonial e pós-colonial, escravidão, Amazônia, fronteiras e campesinato negro.

Maria Firmina
dos Reis
Úrsula

Estabelecimento de texto e introdução de
MARIA HELENA PEREIRA TOLEDO MACHADO

Cronologia de
FLÁVIO DOS SANTOS GOMES



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2018 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright da introdução © 2018 by Maria Helena Pereira
Toledo Machado

Copyright da cronologia © 2018 by Flávio dos SantosGomes
*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua
Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered
and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

PREPARAÇÃO
Sofia Mariutti

REVISÃO
Adriana Moreira Pedro
Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reis, Maria Firmina dos,
Úrsula/ Maria Firmina dos Reis ; estabelecimento
do texto e introdução de Maria Helena Pereira Toledo
Machado; cronologia de Flávio dos Santos Gomes. — 1ª ed.
— São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.

ISBN 978-85-8285-081-7

I. Ficção brasileira I. Machado, Maria Helena Pereira
Toledo. II. Gomes, Flávio dos Santos. III. Título.

18-20259

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura brasileira 869.3

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB 8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.penguincompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Introdução — <i>Maria Firmina dos Reis: invisibilidade e presença de uma romancista negra no Brasil do século XIX ao XXI</i> — Maria Helena Pereira Toledo Machado	7
---	---

Nota sobre o estabelecimento de texto	43
---------------------------------------	----

ÚRSULA

I. Duas almas generosas	49
II. O delírio	61
III. A declaração de amor	68
IV. A primeira impressão	80
V. A entrevista	88
VI. A despedida	95
VII. Adelaide	99
VIII. Luísa B.	106
IX. A preta Susana	118
X. A mata	125
XI. O derradeiro adeus!	136
XII. Foge!	144
XIII. O cemitério de Santa Cruz	148
XIV. O regresso	154
XV. O convento de ***	163
XVI. O comendador Fernando P.	166
XVII. Túlio	180
XVIII. A dedicação	187

xix. O despertar	196
xx. A louca	200
Epílogo	206
Cronologia — <i>Contextualização atlântica</i> — Flávio dos Santos Gomes	211

Úrsula

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume.

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor-próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo.

Então por que o publicas? perguntará o leitor.

Como uma tentativa, e mais ainda, por este amor materno, que não tem limites, que tudo desculpa — os defeitos, os achaques, as deformidades do filho — e gosta de enfeitá-lo e aparecer com ele em toda a parte, mostrá-lo a todos os conhecidos e vê-lo mimado e acariciado.

O nosso romance, gerou-o a imaginação, e não o soube colorir, nem aformosentar. Pobre avezinha silvestre, anda terra a terra, e nem olha para as planuras onde gira a águia.

Mas ainda assim, não o abandoneis na sua humildade e obscuridade, senão morrerá à míngua, sentido e magoado, só afogado pelo carinho materno.

Ele semelha à donzela, que não é formosa; porque a na-

tureza negou-lhe as graças feminis, e que por isso não pode encontrar uma afeição pura, que corresponda ao afeto da sua alma; mas que com o pranto de uma dor sincera e viva, que lhe vem dos seios da alma, onde arde em chamas a mais intensa e abrasadora paixão, e que embalde quer recolher para a corrução, move ao interesse aquele que a desdenhou e o obriga ao menos a olhá-la com bondade.

Deixai, pois, que a minha ÚRSULA, tímida e acanhada, sem dotes da natureza, nem enfeites e louçanias da arte, caminhe entre vós.

Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento à autora de seus dias, que talvez que com essa proteção cultive mais o seu engenho, e venha a produzir coisa melhor, ou quando menos, sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós.

Duas almas generosas

São vastos e belos os nossos campos; porque inundados pelas torrentes do inverno semelham o oceano em bonançosa calma — branco lençol de espuma, que não ergue marulhadas ondas, nem brame irado, ameaçando insano quebrar os limites, que lhe marcou a onipotente mão do rei da criação. Enrugada ligeiramente a superfície pelo manso correr da viração, frisadas as águas, aqui e ali, pelo volver rápido e fugitivo dos peixinhos, que mudamente se afagam, e que depois desaparecem para de novo voltarem — os campos são qual vasto deserto, majestoso e grande como o espaço, sublime como o infinito.

E a sua beleza é amena e doce, e o exíguo esquife, que vai cortando as suas águas hibernais mansas e quedas, e o homem, que sem custo o guia, e que sente vaga sensação de melancólico enlevo, desprende com mavioso acento um canto de harmoniosa saudade, despertado pela grandeza dessas águas, que sulca.

É às águas, e a esses vastíssimos campos que o homem oferece seus cânticos de amor? Não por certo. Esses hinos, cujos acentos perdem-se no espaço, são como notas de uma harpa eólia, arrancadas pelo roçar da brisa; ou como o sussurrar da folhagem em mata espessa. Esses carmes de amor e de saudade o homem os oferece a Deus.

Depois, mudou-se já a estação; as chuvas desapareceram, e aquele mar, que viste, desapareceu com elas, vol-

tou às nuvens formando as chuvas do seguinte inverno, e o leito, que outrora fora seu, transformou-se em verde e úmido tapete, matizado pelas brilhantes e lindas flores tropicais, cuja fragrância arrouba e só tem por apreciador algum desgarrado viajor, e por afago a brisa que vem conversar com elas no cair da tarde — à hora derradeira do seu triste viver.

E altivas erguem-se milhares de carnaubeiras, que balançadas pelo soprar do vento recurvam seus leques em brandas ondulações.

Expande-se-nos o coração quando calcamos sob os pés a erva reverdecida, onde gota a gota o orvalho chora no correr da noite esse choro algente, que se pendura da folhinha trêmula, como a lágrima de uma virgem sedutora, e que, arrancada do coração pelo primeiro gemer da saudade se balança nos longos cílios. Depois vem a ardência do sol, e bebe o pranto noturno, e murcha a flor, que enfeitava a relva, porque o astro, que rege o dia, reassumiu toda a sua soberania; mas ainda assim os campos são belos e majestosos!

E desce depois o crepúsculo, e logo após a noite bela, e voluptuosa recamada de estrelas; ou prateada pela lua vagarosa e plácida, que lhe branqueia o tapete de relva, derramando suave claridade pelos leques recurvados dos palmares. Então um vago sentimento de amor, e de uma ventura, que muito longe lobrigamos, arrouba-nos a alma de celestes eflúvios, e doce esperança enche-nos o coração, outrora mirrado e frio pela descrença, ou pelo ceticismo.

Quem haverá aí que se não sinta transportado ao lançar a vista por esses vastos páramos ao alvorecer do dia, ou ao arrebol da tarde, e não se deixe levar por um deleitoso cismar, como o que escuta o gemer da onda sobre areais de prata, ou o canto matutino de uma ave melodiosa!!... A vista expande-se e deleita-se, e o coração volve-se a Deus, e curva-se em respeitosa veneração; porque aí está Ele.

O campo, o mar, a abóbada celeste ensinam a adorar

o supremo Autor da natureza, e a bendizer-lhe a mão; porque é generosa, sábia e providente.

Eu amo a solidão; porque a voz do Senhor aí impera; porque aí despe-se-nos o coração do orgulho da sociedade, que o embota, que o apodrece, e livre dessa vergonhosa cadeia, volve a Deus e o busca — e o encontra; porque com o dom da ubiquidade Ele aí está!

Entretanto em uma risonha manhã de agosto, em que a natureza era toda galas, em que as flores eram mais belas, em que a vida era mais sedutora — porque toda respirava amor —, em que a erva era mais viçosa e rociada, em que as carnaubeiras, outras tantas atalaias ali dispostas pela natureza, mais altivas, e mais belas se ostentavam, em que o axixá com seus frutos imitando purpúreas estrelas esmaltava a paisagem, um jovem cavaleiro melancólico, e como que exausto de vontade, atravessando porção de um majestoso campo, que se dilata nas planuras de uma das nossas melhores, e mais ricas províncias do norte, deixava-se levar através dele por um alvo e indolente ginete. Longo devia ser o espaço que havia percorrido; porque o pobre animal, desalentado, mal cadenciava os pesados passos.

Abstrato, ou como que mergulhado em penosa e profunda meditação, o cavaleiro prosseguia sem notar a extrema prostração do animal ou então fazia semblante de não reparar; porque lhe não excitava os nobres estímulos. Dir-se-ia ter já concluído sua longa jornada.

Mas quem sabe?!... Talvez uma ideia única, uma recordação pungente, funda, amarga como a desesperação de um amor traído, lhe absorvesse nessa hora todos os pensamentos. Talvez. Porque não havia o menor sinal de que observasse o espetáculo que o circundava.

Que intensa agonia, ou que dor íntima lhe iria lá pelos abismos da alma?! Só Deus o sabe!

Prosseguia em tanto a marcha, e sempre abstrato, sempre vagaroso. Curvada a frente sobre o peito, o mancebo

meditava profundamente, e grande, e poderoso devia ser o objeto de seu aturado meditar. Arfava-lhe o peito sobre o qual descansava essa fronte acabrunhada, que parecia tão nobre e ativa? Quem o poderia dizer ao certo?

O mancebo ocultava parte de suas formas num amplo capote de lã, cujas dobras apenas descobriam-lhe as mãos cuidadosamente calçadas com luvas de camurça. Numa destas mãos o jovem cavaleiro reclinara a face pálida e melancólica, com a outra frouxamente tomava as rédeas ao seu ginete. Mas este simples traje, este como que abandono de si próprio, não podia arredar do desconhecido certo ar de perfeita distinção que bem dava a conhecer que era ele pessoa da alta sociedade.

De repente o cavalo, baldo de vigor, em uma das cavidades onde o terreno se acidentava mais, mal podendo conter-se pelo langor dos seus lassos membros, distendeu as pernas, dilatou o pescoço, e dando uma volta sobre si, caiu redondamente. O choque era demais violento para não despertar o meditabundo viajor: quis ainda evitar a queda: mas era tarde, e de envolta com o animal rolou no chão.

Houvera mais que descuido no incerto e indolente viajar desse singular desconhecido: não previa ele um acontecimento fatal nessa divagação de tanto abandono, de tão grande desleixo? E malgrado o langor do cavalo, sempre a prosseguir, cada vez mais submerso em seu melancólico cismar! Caiu, e de um jato perdeu o sentimento da própria vida; porque a queda lhe ofendeu o crânio, e aturdido, e maltratado desmaiou completamente. Para mais desastre o pobre animal no último arranco do existir, distendendo as pernas, foi comprimir acerbamente o pé direito do mancebo, que inerte e imóvel, como se fora frio cadáver, nenhuma resistência lhe opôs.

Era apenas o alvorecer do dia, ainda as aves entoavam seus meigos cantos de arrebatadora melodia, ainda a viração era tênue e mansa, ainda a flor desabrochada apenas

não sentira a t pida e vivificadora a o do astro do dia, que sempre amante, mas sempre ingrato, desdenhoso, e cruel afaga-a, bebe-lhe o perfume, e depois deixa-a murchar, e desfolhar-se, sem ao menos dar-lhe uma lágrima de saudade!... Oh! O sol é como o homem maligno e perverso, que bafeja com hálito impuro a donzela desvalida, e foge, e deixa-a entregue   vergonha,   desespera o,   morte! — e depois, ri-se e busca outra, e mais outra vítima!

A donzela e a flor choram em silêncio, e o seu choro ninguém o compreende!...

Era apenas o alvorecer do dia, dissemos nós, e esse dia era belo como soem ser os do nosso clima equatorial onde a luz se derrama a flux — brilhante, pura e intensa.

Vastos currais de gado por ali havia; mas tão desertos a essa hora matutina, que nenhuma esperança havia de que alguém socorresse o jovem cavaleiro, que acabava de desmaiar. E o sol já mais brilhante, e mais ardente e abrasador, subia pressuroso a eterna escadaria do seu trono de luz, e dardejava seus raios sobre o infeliz mancebo!

Nesse comenos alguém despontou longe, e como se fora um ponto negro no extremo horizonte. Esse alguém, que pouco e pouco avultava, era um homem, e mais tarde suas formas já melhor se distinguiam. Trazia ele um quer que era que de longe mal se conhecia, e que descansando sobre um dos ombros, obrigava-o a reclinar a cabeça para o lado oposto. Todavia, essa carga era bastantemente leve — um cântaro ou uma bilha; o homem ia sem d vida em demanda de alguma fonte.

Caminhava com cuidado, e parecia bastante familiarizado com o lugar cheio de barrocais, e ainda mais com o calor do dia em pino, porque caminhava tranquilo.

E mais e mais se aproximava ele do cavaleiro desmaiado; porque seus passos para ali se dirigiam, como se a Providência os guiasse. Ao endireitar-se para um bosque   cata sem d vida da fonte que procurava, seus olhos se fixaram sobre aquele triste espetáculo.

— Deus meu! — exclamou correndo para o desconhecido.

E o coração tocou-lhe piedoso interesse, vendo esse homem lançado por terra, tinto em seu próprio sangue, e ainda oprimido pelo animal já morto. E ao aproximar-se contemplou em silêncio o rosto desfigurado do mancebo; curvou-se, e pôs-lhe a mão sobre o peito, e sentiu lá no fundo frouxas e espaçadas pulsações, e assomou-lhe ao rosto riso fagueiro de completo enlevo; da mais íntima satisfação. O mancebo respirava ainda.

— Que ventura! — então disse ele, erguendo as mãos ao céu — que ventura, podê-lo salvar!

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano refervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e embalde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, embalde — dissemos — se revoltava; porque se lhe erguia como barreira — o poder do forte contra o fraco!...

Ele entanto resignava-se; e se uma lágrima a desesperação lhe arrancava, escondia-a no fundo da sua miséria.

Assim é que o triste escravo arrasta a vida de desgostos e de martírios, sem esperança e sem gozos!

Oh! Esperança! Só a têm os desgraçados no refúgio que a todos oferece a sepultura!... Gozos!... Só na eternidade os anteveem eles!

Coitado do escravo! Nem o direito de arrancar do imo peito um queixume de amargurada dor!!...

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima — ama a teu próximo como a ti mesmo —, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país... Àquele que é seu irmão?!

E o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão

não lhe embrutecera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos, e puros como a sua alma. Era infeliz; mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista.

Reunindo todas as suas forças o jovem escravo arrancou de sob o pé ulcerado do desconhecido o cavalo morto, e deixando-o por um momento, correu à fonte para onde uma hora antes se dirigia, encheu o cântaro, e com extrema velocidade voltou para junto do enfermo, que com desvelado interesse procurou reanimar. Banhou-lhe a fronte com água fresca, depois de ter com piedosa bondade colocado-lhe a cabeça sobre seus joelhos. Só Deus testemunhava aquela cena tocante e admirável, tão cheia de unção e de caridoso desvelo! E ele continuava a sua obra de piedade, esperando ansioso a ressurreição do desconhecido, que tanto o interessava.

Finalmente seu coração pulsou de íntima satisfação; porque o mancebo, pouco e pouco revocando a vida, abriu os olhos lânguidos pela dor, e os fitou nele, como que estupefato e surpreso do que via.

Deixou fugir um breve suspiro, que talvez apesar seu se lhe destacasse do coração, e sem proferir uma palavra de novo cerrou os olhos.

Talvez a extrema claridade do dia os afetasse; ou ele supusesse mórbida visão o que era realidade.

Entretanto o negro redobrava de cuidados de novo aflito pela mudez do seu doente. E o dia crescia mais, e o sol, queimando a erva do campo, abrasava as faces pálidas do jovem cavaleiro, que soltando um outro gemido mais prolongado e mais doido, de novo abriu os olhos.

Tentou então erguer-se como envergonhado de uma fraqueza a que irremissivelmente qualquer cedera; porém desalentado e amortecido foi cair nos braços do compassivo escravo, única testemunha de tão longas dores e desmaios, e que em silêncio o observava. Mas esta segunda

síncope, menos prolongada que a primeira, não afligiu tanto ao mísero rapaz, que dedicadamente o reanimava. A febre começou a tingir de rubor aquela fronte pálida, dando vida fictícia a uns olhos, que um momento antes pareciam descair para o túmulo.

— Quem és? — perguntou o mancebo ao escravo apenas saído do seu letargo. — Por que assim mostras interessar-te por mim?!...

— Senhor! — balbuciou o negro — vosso estado... Eu — continuou com acanhamento, que a escravidão gerava — suposto nenhum serviço vos possa prestar, todavia quisera poder ser-vos útil. Perdoai-me!...

— Eu? — atalhou o cavaleiro com efusão de reconhecimento — eu perdoar-te! Pudera todos os corações assemelharem-se ao teu. — E fitando-o, apesar da perturbação do seu cérebro, sentiu pelo jovem negro interesse igual talvez ao que este sentia por ele. Então nesse breve cambiar de vistas, como que essas duas almas mutuamente se falaram, exprimindo uma o pensamento apenas vago que na outra errava.

Entretanto, o pobre negro, fiel ao humilde hábito do escravo, com braços cruzados sobre o peito, descaía agora a vista para a terra, aguardando tímido uma nova interrogação.

Apesar da febre, que despontava, o cavaleiro começava a coordenar suas ideias, e as expressões do escravo, e os serviços, que lhe prestara, tocaram-lhe o mais fundo do coração. É que em seu coração ardiam sentimentos tão nobres e generosos como os que animavam a alma do jovem negro: por isso num transporte de íntima e generosa gratidão o mancebo arrancando a luva, que lhe calçava a destra, estendeu a mão ao homem que o salvara. Mas este confundido e perplexo, religiosamente ajoelhando, tomou respeitoso e reconhecido essa alva mão, que o mais elevado requinte de delicadeza lhe oferecia, e com humildade tocante extasiado beijou-a.